



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO

CARLOS ALBERTO RODRIGUES LEITE JÚNIOR

A RE-INVENÇÃO DO AMOR:
UM ESTUDO DA POÉTICA DE MARILYN MANSON

Rio de Janeiro

2007

Carlos Alberto Rodrigues Leite Júnior

**A RE-INVENÇÃO DO AMOR:
UM ESTUDO DA POÉTICA DE MARILYN MANSON**

Monografia de conclusão de curso técnico de nível médio em Registros e Informações em Saúde.

Orientador: Marcio Rolo

Rio de Janeiro

2007

Dedico esta monografia ao meu maior exemplo de dignidade e moral. Aquela que me ensinou que nenhum limite é o bastante quando se acredita em algo, que nunca deixou de acreditar na minha capacidade e por sempre ter me estimulado mesmo nos momentos mais difíceis: minha mãe, Solange.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Marcio que, por mais que eu tenha lhe dado muito trabalho nesse tempo de construção de monografia ele não me abandonou.

Agradeço aos meus pais por sempre estarem do meu lado e por me darem total apoio para que eu pudesse chegar aonde cheguei e aonde quer que eu me proponha a ir.

Agradeço aos amigos que sempre me estimularam a continuar com a monografia.

Obrigado!

“Eu não me envergonharei, pois acredito que todas as formas de amor são livres. Sexo não é o inimigo.”

(Garbage – Sex Is Not The Enemy)

RESUMO

A visão da sociedade sobre o homo-afetividade, e também sobre outras variadas formas de vivência sexual, é tão preconceituosa que reprime os modos de amor expressos pelos diversos grupos sociais. O que na Grécia Antiga era uma prática considerada comum e sinônimo de masculinidade e de trocas de pensamentos, tornou-se uma atrocidade na cultura ocidental dos últimos séculos. Ou seja, os indivíduos inclinados homo-afetivamente são tidos como vilões e condenados por se sentirem atraídos afetivo/sexualmente, diferentemente da população predominante, composta por indivíduos que se relacionam com outros de sexo oposto. O olhar que condena encontra, no entanto, uma resistência apaixonada entre aqueles que querem uma sociedade mais livre e plural. Os movimentos culturais, científicos, intelectuais e artísticos passaram a defender a idéia de que devemos respeitar as diferentes formas de se expressar o amor e de emocionar-se. No presente trabalho busca-se expor o modo “ousado” de como um ícone da comunicação em massa vem questionar as acusações morais feitas pela sociedade às pessoas que possuem formas diferentes de se sentirem atraídos afetivamente e sexualmente. Este ícone, conhecido popularmente como Marilyn Manson, aborda este tema em suas músicas, performances. Para a melhor compreensão desta questão na sociedade contemporânea faz-se uma breve recuperação histórica dos significados da prática homossexual na Grécia Antiga, uma análise a partir do livro “A inocência e o vício” de Jurandir Freire Costa, de como são vistas as relações entre pessoas do mesmo sexo na atualidade, e o modo inusitado do Marilyn Manson reivindicar os direitos desta sociedade em sua poética.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 7 |
| 2 A HOMOAFETIVIDADE NA GRÉCIA ANTIGA..... | 10 |
| 3 O AMOR COMO UMA CONSTRUÇÃO CULTURAL..... | 15 |
| 4 A CATEGORIA MASCULINIDADE E SUAS RELAÇÕES COM A SEXUALIDADE 20 | |
| 5 ANÁLISE DA POÉTICA DE MARILYN MANSON..... | 25 |
| 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 26 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 27 |
| ANEXO A..... | 28 |

1 INTRODUÇÃO

A homafetividade é um interesse afetivo/sexual que se dá entre duas (ou mais) pessoas do mesmo sexo, onde eles assumem posturas tomadas pelos indivíduos classificados pela cultura como “heterossexuais”, sendo estes tidos como exemplos de perfeição ética e moral. O ser que se interessa por outro indivíduo do mesmo sexo é rotulado como transgressor, imoral, anômalo, dentre outras acusações.

Hoje em dia existem formas mais sutis de discriminação. Exemplo disto é a exploração mercadológica da comunidade inclinada homo-afetivamente, onde o mercado (capital) “precisa” destes indivíduos para obter mais lucros. O mundo capitalista chegou a dizer que a “moeda rosa” é uma das mais lucrativas na atualidade, visto que a população homo-afetiva é uma das que mais gasta com o turismo. Um exemplo é a Parada GLBT que reúne milhares de pessoas de diversas partes da América Latina, ou seja, tal população, vítima do preconceito, acaba alimentando o mercado capitalista.

A cultura ocidental fez, e continua fazendo, da homo-afetividade sua maior vilã. Ou seja, tudo aquilo que dista dos modelos formados pela cultura do que é certo, é visto como algo que não merece respeito e que suas formas de se relacionar não devem ser permitidas. Com isso os indivíduos que se sentem atraídos homo-afetivamente são expostos a um julgamento moral pela sociedade preconceituosa na qual vivem.

Na Grécia Antiga as formas de relacionamento homo-afetivo entre homens seguiam outros códigos, (seriam mais ricos em possibilidades?), diferentemente das duas opções disponíveis nos dias atuais: ou se é heterossexual e então se é bem aceito socialmente ou se é homossexual e terá que arcar com as conseqüências disso.

A sociedade ocidental julga a Grécia Antiga pelo fato desta sociedade aceitar os relacionamentos entre homens. Julgam a Grécia por não compreender seus ideais culturais, da mesma maneira que julgam aqueles que têm como parceiros pessoas do mesmo sexo, sem entender suas maneiras de se relacionar.

Aqueles que pertencem à comunidade homo-afetiva são apontados como seres afeminados que agridem aos ideais de masculinidade criados pela cultura. Na Grécia Antiga os relacionamentos se davam sem agredir a masculinidade do ser, o que desmente o julgamento imposto pela sociedade.

Os gregos antigos que pela nossa cultura seriam considerados homossexuais, não seriam considerados como tais por estarem sujeitos a outras regras e códigos. A terminologia

criada para a designação dos seres em homossexuais é geradora do preconceito existente, é através dela que existe a separação dos seres entre “homossexuais” e “heterossexuais”.

A sociedade ocidental contemporânea não aceita a diversidade das formas de expressão do amor. O amor entre duas pessoas do mesmo sexo não é aceito, ele é considerado uma anti-norma, ou seja, um agressor às normas que foram impostas na sociedade.

Os indivíduos que se sentem atraídos homo-afetivamente passam a ter suas formas de expressão interceptadas pela cultura; com isso, passam a realizá-las “escondidas”. Tal atitude repugnante da sociedade preconceituosa para com estes indivíduos os impede de alcançar uma realização pessoal. Tal questão é abordada no segundo capítulo deste trabalho, tendo como referência o livro de Jurandir Freire Costa “A inocência e o vício”. A escolha deste autor se deu pelo fato do mesmo ser um psicanalista de renome, professor Livre Docente do Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro com uma vasta experiência clínica.

Nas sociedades primitivas a questão da sexualidade era tratada de uma maneira diferente. A perda da masculinidade não estava relacionada ao ato sexual, mas sim a perda e/ou a não manipulação de um objeto, o arco, que era a maior representação de masculinidade na tribo dos guaiaqui.

Há hoje uma forte demanda social por mudanças, que estas demandas têm origem em determinações complexas da sociedade tais como o econômico, o político, filosófico e cultural. A radicalização dos ideais iluministas de igualdade, fraternidade e liberdade, colocaram em cheque, paradoxalmente, os pressupostos morais da cultura burguesa, dando origem na sociedade contemporânea a uma infinidade de movimentos reivindicatórios –os chamados movimentos das minorias – tais como movimento das mulheres, dos homossexuais, dos índios, etc.

A literatura, o cinema, a música e as artes plásticas passaram a tematizar estas questões, mostrando que existe uma infinidade de outras formas para o amor e como é normal a vida levada pela população atraída homoafetivamente.

Este trabalho atém-se especialmente a estudar aspectos do trabalho de um ícone da comunicação de massa, Marilyn Manson, performer e cantor de rock, que através de incursões na história da arte e do cinema cria um novo vocabulário estético capaz de re-inventar e expandir as formas do amor.

O objetivo deste trabalho não visa, no entanto, estudar suas músicas. Pretende, sim, ater-se a uma investigação do conjunto de usos, funções e valores que o artista faz de seu

próprio corpo, “coberto” por maquiagens pesadas, roupas extravagantes, ou seja, o modo como aborda a questão da sexualidade em seu “travestimento”.

Como um ícone da comunicação de massa, Marilyn Manson procura transmitir a idéia de que a sexualidade é algo banal, algo que diz respeito a cada um e que não deve ser tratada como uma anormalidade ou até mesmo como uma perversão. Que as formas de amar o outro e/ou se envolver sexualmente não podem ser julgadas, mas sim compreendidas e que todos são livres para tomar as decisões que quiserem.

Pretende-se com este trabalho inicialmente lançar uma luz sobre o modo de vida da população que se sentia atraída homo-afetivamente na Grécia Antiga, levando-se em consideração que para os gregos tais relacionamentos não agrediam a masculinidade. Abordo depois as diferenças entre os modos de exposição dos sentimentos vistos como algo que dista dos ideais criados ao longo dos anos pela cultura, sendo então considerados indevidos. E como tal questão é abordada através de um ícone da comunicação em massa, conhecido como Marilyn Manson, que é considerado por grande parte da população, um ser grotesco e que não deve ser “escutado”.

Para tanto, realizar-se-á uma recuperação histórica, um estudo de como uma cultura julga a outra sem ao menos entendê-la, como as formas demonstração de amor que não se iguala a maioria é julgada e uma exposição de como Marilyn Manson trata em sua poética desta questão.

2 A HOMO-AFETIVIDADE NA GRÉCIA ANTIGA.

“Para o antigo habitante de Atenas, o ato de exhibir-se confirmava a sua dignidade de cidadão” (SENNETT, 2001. pág:30)

Na Grécia antiga a exibição do corpo masculino era sinônimo de nobreza, superioridade e inteligência. As mulheres e os escravos, mesmo que masculinos, não podiam expor seus corpos, pois de acordo com os conceitos gerados pela cultura grega, estes possuíam um raciocínio mais lento, sendo assim incapazes de se expressar.

Em seu livro Richard Sennett discute esta temática, onde expõe o fato de que esta altivez do ser masculino se dá devido ao calor de seu corpo, que segundo os gregos, antecedia ao nascimento, determinando que os fetos bem aquecidos no útero, desde o início da gravidez deveriam tornar-se machos. Os fetos carentes de aquecimento nasceriam fêmeas. Os escravos eram inferiorizados, mesmo que de origem nobre, pelo fato de que, se fossem machos, o tratamento submisso a seus amos acabaria por lhes reduzir o calor. A falta de calor uterino produziria uma criatura mais frágil, ou seja, menos encorpada que os homens.

“A compreensão antiga sobre o calor do corpo levou a crenças a respeito da vergonha e da honra. O registro médico, passando de fêmea, fria, passiva e frágil, para macho, quente, forte e participante, formava uma escala ascendente de valores; tratava os machos como superiores às fêmeas, embora fossem da mesma matéria”(SENNETT, 2001. p.40)

Richard Sennett diz que, na Grécia, acreditava-se que macho e fêmea constituíam os pólos de um continuum corporal e que para os vitorianos menstruação e menopausa, forças femininas tão misteriosas, que homens e mulheres pareciam pertencer a espécies diversas. Apoiando-se numa visão helênica, tal fato estabelece uma correspondência entre os dois sexos e que o corpo tem um único sexo. Precariamente aquecidos, fetos masculinos tornam-se homens afeminados; fetos femininos excessivamente aquecidos dão origens a mulheres masculinizadas. A partir desta fisiologia os gregos construíram a base de seus conhecimentos sobre a anatomia dos homens e mulheres.

Para equilibrar os poderes em seus corpos despidos, os rapazes eram conduzidos ao ginásio, palavra vinda do grego que significa “totalmente desnudo”, por seus irmãos mais velhos. O ginásio modelava o corpo dos rapazes na última etapa da adolescência, quando a musculatura começa a pressionar a superfície da pele, mas as características secundárias, tais

como os pêlos corporais, eram pouco evidentes. Esse momento do ciclo da vida parecia ser ideal para estabilizar o aquecimento do corpo.

Os espartanos –diferentemente dos atenienses que, apesar de treinarem os corpos treinavam também o uso das palavras; o que viria a ser essencial para sua participação democrática na cidade –treinavam apenas seus corpos. Eles não possuíam nenhum outro objetivo a não ser o de maximizar a capacidade dos rapazes. As meninas também eram encorajadas ao exercício da mesma maneira, embora pelo simples fato de se prepararem para o parto.

“Ao contrário dos modernos moralistas, os atenienses pensavam que a sexualidade era um aspecto básico positivo de cidadania, extrapolando a simples observância de proibições sexuais, como a crença de que só escravos se masturbavam, ou de que com eles o amor não seria prazeroso, e imposições legais que proibiam os escravos de ir aos ginásios, ‘apaixonar-se por um rapaz livre, ou andar em sua companhia’.” (SENNETT, 2001. pág. 42)

Os ginásios treinavam os rapazes como seres sexualmente nus e os ensinava como usar o corpo de forma que o mesmo pudesse ser objeto de desejo e que o rapaz pudesse desejar o outro com honra.

A Grécia devido a tais acontecimentos passou a ser julgada como um lugar de “orgia” e “sodomia”. No entanto o que ocorre com a Grécia é um julgamento premeditado de sua cultura. A falta de compreensão de sua cultura acabou transformando-a, aos olhos da população, num lugar de pervertidos, de pessoas que só pensam no sexo e num paraíso homo-afetivo. É necessário que se compreenda seus valores culturais e suas formas de vida, antes de se fazer acusações injustas aos gregos.

A cultura ocidental, que julga errado aquilo que se afasta de seus ideais, nos passou uma idéia de que a Grécia Antiga era um lugar onde todos os dias era dia de sexo -o fato aqui é que não era um sexo entre homens e mulheres e sim, entre homens e homens, o que a nossa cultura julga como algo imoral. As relações homo-afetivas na Grécia serviam para suprir uma necessidade de relacionamento não encontrado no casamento ou entre pai e filho.

O relacionamento homo-afetivo era visto de maneira diferente entre Esparta e Atenas. Em Esparta, uma sociedade guerreira, os amantes homo-afetivos eram incentivados, devido estes em campo de batalhas se tornarem animais para defenderem um ao outro, de modo que se tornassem imbatíveis, ou seja, as relações entre homens serviam como uma estratégia disciplinar e militar. Com isso pode-se notar que, por mais que fossem amantes homo-

afetivos, os guerreiros espartanos não se afastavam dos ideais de masculinidade, como alega a cultura ocidental, que os homo-afetivos de afastam destes ideais.

Em Atenas a relação erótica uniria dois jovens, um deles pouco mais velho que o outro, ou um rapaz e um adulto, que tivessem se conhecido nos torneios e jogos. Era o macho mais velho – *erastes* – que conquistava o mais novo – *eromenos*.

Em Atenas existia um bairro chamado Cerâmico, onde a vida era intensa. Durante o dia o comércio imperava neste bairro e a noite eram as cantinas e os bordéis. Neste bairro a prostituição era liberada, tanto a feminina quanto a masculina, que era praticada por jovens que utilizavam tal profissão para sobreviver ou por jovens de origem nobre que a praticavam apenas pelo vício.

A sociedade e a política ateniense oferecia uma liberdade de escolha, como a da prostituição masculina, mas privava os seus praticantes de assumirem cargos públicos, pois acreditava-se que um homem que fosse capaz de vender seu próprio corpo não hesitaria em vender os interesses da cidade. A relação homo-afetiva entre dois homens adultos de mesma idade era considerada antinatural, pois significava que um deles assumiria o papel passivo, ferindo assim seus princípios de masculinidade.

As relações homo-afetivas em Atenas serviam como um troca de conhecimentos entre o homem adulto e o rapaz. No entanto, estas paixões estavam “controladas” pelo intelecto, por códigos e sentidos precisos, elas não significavam uma entrega deliberada e sem limites.

Isto é bem mostrado no poema *Os Perigos* de Kaváfis, (Poeta grego. Alexandria, 1863 - 1933) que explora o fato de que um ser que, seguro de sua instrução, passa a se aventurar em relações eróticas, não temendo as acusações que ele poderia vir a sofrer de si próprio.

*Disse Mirtias (estudante sírio
em Alexandria, sob o reinado
de Constante Augusto e Constâncio Augusto;
em parte gentio e em parte Cristão):
"Fortalecido pela contemplação e o estudo,
não temerei, como um covarde, minhas paixões.
Entregarei meu corpo aos prazeres,
aos gozos mais sonhados,
aos mais ousados desejos eróticos,
aos impulsos lascivos de meu sangue, sem*

*medo algum, pois quando quiser
- e hei de querer, fortalecido
como estarei pela contemplação e o estudo -
encontrarei de novo nos momentos mais críticos
meu espírito ascético de outrora.*

Entre atenienses e espartanos era natural um adolescente se iniciar na vida sexual com outro homem. Era impensável a distribuição dos seres entre “homossexuais” e “heterossexuais”. Na perspectiva cultural na qual se achavam, este amor não era tido como uma “exceção” às formas da sexualidade dominante; era, sim, a encarnação daquilo que a humanidade tinha de mais nobre. É assim que se entende a amor entre pessoas do mesmo sexo: Sócrates, Júlio César, Adriano, Ricardo Coração de Leão ou os heróis das epopéias gregas como Aquiles e Pátrocles, todos esses homens mantiveram relações “homossexuais” durante suas vidas, e possuíam esposas e filhos; eles não eram tidos como afeminados. A sensibilidade e os valores da época não colocavam em questão o seu ideal de masculinidade.

A cultura ocidental julga os que se sentem atraídos homo-afetivamente como indivíduos que são inclinados para o lado feminino. É certo que as relações homo-afetivas desenvolveram-se em direção a um “trânsito entre sexos”: o travestismo é um exemplo disto. No entanto, uma gama de outras possibilidades e vivências deixam de ser levadas em conta – a crença preconceituosa recobre todos aqueles que possuem tal interesse sexual e amoroso.

Um dos maiores problemas é acreditarmos que todos os seres inclinados homoeroticamente (termo utilizado por Jurandir Freire Costa em seu livro “A inocência e o vício”) não possuem um ideal de masculinidade. Como já foi dito, sustentamos este ideal em cima de personagens míticos como os citados anteriormente, ou seja, vemos neles aquilo que é mais masculino. Como julgar os homo-afetivos como pessoas que se afastam da masculinidade, se nos apoiamos em ícones que praticaram relações homo-afetivas durante suas vidas?

Na Grécia o preconceito se dava, não contra os indivíduos inclinados homo-afetivamente, mas sim contra aqueles que utilizavam o corpo como um veículo de trabalho e muitas das vezes como um santuário do prazer. As pessoas que se prostituíam eram privadas de certas coisas, mas aqueles que se viam apaixonados tinham sua forma de amor aceita. Os gregos não tinham suas formas de amor interditas por esta forma moderna de preconceito. Eles tinham a liberdade para que pudessem ter sua realização pessoal alcançada.

Sem um termo que os definisse, sem a cultura que os transformasse em seres antinaturais, imorais, anômalos, os gregos da Grécia Antiga foram livres para tomar as decisões que lhes cabiam, e cabia somente a eles decidir sobre as formas tomadas por Eros.

3 O AMOR COMO UMA CONSTRUÇÃO CULTURAL

Em seu livro “A inocência e o vício” Jurandir Costa Freire faz uma análise de um conto de Salinger onde este aborda os modos de amar e de emocionar-se de um garoto, Teddy, e de um passageiro que se encontra no mesmo navio, que volta da Europa. Jurandir chega a conclusão de que *vocabulários diversos criam ou reproduzem subjetividades diversas*.

No vocabulário dos pais de Teddy amar “é amar sentimentalmente a Deus” e “amar nos filhos os motivos que têm para amá-los”. No vocabulário de Teddy a gramática afetiva dos pais é dispensável, tanto para amar a Deus quanto para amar ao próximo ou mesmo para sentir “emoção”.

Jurandir diz que, conforme a descrição de nossas subjetividades, interpretamos a subjetividade do outro como idêntica, família ou como estranha, exótica e até mesmo desumana, como diziam os pais de Teddy a seu respeito.

A formação cultural das pessoas estipulou uma regra daquilo que deve ser considerado *amor e emoção*. Como no caso de Teddy aqueles que não se aproximam desta regra acabam sendo considerados desumanos.

A palavra amor, na concepção popular, engloba a formação de um vínculo emocional com alguém. Na língua portuguesa esta palavra presta-se a múltiplos significados: inclinação, atração, apetite, etc. Para a construção do amor não é necessário que sejam distinguidas as características físicas, sociais e sexuais. Sendo estes um dos maiores problemas enfrentados no mundo de hoje e que já foi enfrentado nos séculos anteriores.

A cultura cultivou na cabeça de seus “filhos” que existe o certo e o errado, pretendo não referir-me as questões de certo e errado estipulado pela justiça, mas sim do certo e errado na relação amorosa existente entre os seres.

A maior parte da população se diz heterossexual. E para essa maioria o certo é ser heterossexual, ou seja, indivíduos de sexos opostos que se relacionam. Entre um casal heterossexual são permitidas todas as formas de amor, eles são livres para assumirem aquilo que estão sentindo.

Os homo-afetivos, tanto masculinos quanto femininos, constituem a parte errada da população. São aqueles que agredem as normas da cultura. Sendo tais normas aquelas que permitem que as pessoas que se aproximam do modelo de dignidade criado por ela expressem suas formas de amar e reprime aqueles que se afastam deste modelo.

Os indivíduos que se sentem atraídos afetivo/ sexual por indivíduos do mesmo sexo, não possuem suas formas de amar e emocionar-se aceitas pela sociedade. Os casais homossexuais não podem expressar aquilo que sentem pelo seu parceiro(a) nas ruas e todas as suas demonstrações de carinho precisam ser omitidas. Devido ao preconceito existente os homossexuais acabam vivendo de maneira mentirosa, escondendo suas relações.

Uma conformação complexa na era moderna, na qual acham-se imbricadas tanto razões de ordem econômica e política quanto ideais e valores morais, levou à estigmatização de certas formas de amar. A cultura provê um ideal de conduta moral pela qual exerce formas de regulação e reprodução: quem se aproxima destes ideais são dignos de respeito, têm sua conduta aprovada, tornando-se assim um modelo ideal a ser seguido -diferentemente destes, aqueles que se afastam desses modelos são apontados como transgressores, imorais, pessoas que não merecem respeito, sendo assim vítimas do preconceito. Na partilha dos valores afetivos que se deu na história do ocidente, coube aos homoeróticos ocupar o lugar do desvio, daquilo que não se enquadra em limites precisos, do indeterminado.

O terror de um indivíduo ocidental diante de uma cena de demonstração de amor entre duas pessoas do mesmo sexo, pode ser considerado como indescritível. Jurandir em seu livro dá um exemplo de como todos esses preconceitos se dão devido ao fato de não respeitarmos os modos de vida escolhidos por cada um.

Jurandir cita Michii, um homem adulto pertencente à tribo dos Akaramas. Michii para a maioria de nós seria alguém que fazia indistintamente amor com homens e mulheres de sua tribo, e periodicamente, após masturbar-se em rituais coletivos, atacava povos vizinhos matando outros sujeitos e comendo-lhes o coração. O terror de um indivíduo, que não entende os costumes de Michii, seria tão absurdo quanto diante de um casal de homossexuais.

Fazendo-se uma conexão de tal espanto para com os modos de vida de Michii e os ideais abordados por Teddy, Jurandir conclui que nosso espanto revela o retorno do recalcado. O que emerge em situações semelhantes é algo ao mesmo tempo sabido e esquecido: Michii e Teddy “são um de nós”. São sujeitos como nós e o que os distingue da média de todos nós é a modalidade pela qual introjetaram a linguagem e aprenderam a sentir e dizer “o que é dor, prazer, satisfação ou reconhecimento do valor de suas vidas e da vida dos outros”.

Viver sendo considerado homossexual no dia-a-dia, dentro de uma cultura que o reprime acusando-o de doente, anômalo, neurótico, pervertido, indecente, dentre outras acusações morais, é um fardo extremamente custoso para muitos homens e mulheres. Uma vez etiquetados passam a ser constantemente identificados por suas preferências sexuais, às quais são moralmente reprovadas.

A discriminação e a violência dão-se nos níveis da prática e da linguagem. Apresentando certas práticas sexuais como transgressoras a linguagem da discriminação crucifica vários sujeitos e também as diversas formas de relações sexuais que não correspondem ao padrão de sexualidade criado pela sociedade.

Segundo a literatura de Jurandir Freire Costa e Foucault os termos “homossexualismo” e “homossexual” carregam consigo o preconceito. A terminologia que se aplica ao indivíduo que sente atração sexual e/ou afetivo amorosa por seres do mesmo sexo virou hábito, e isto faz com que nos tornemos reféns de nossos hábitos. O uso freqüente do termo leva-nos a crer que realmente existe um tipo humano específico designado por esse substantivo comum. Acabamos indo mais além, onde acreditamos que existe “algo comum entre todos os homossexuais”.

Tomando-se como exemplo o que foi citado anteriormente, apontarei Teddy. Teddy é filho de uma cultura que o ensinou a respeitar a vida, a liberdade e a busca da felicidade como a melhor maneira de alcançar a perfeição ética. De acordo com o estudo feito por Jurandir sobre o conto de Salinger pode-se dizer que Teddy exprime-se num vocabulário em que esse tipo de conflito, o conflito de opiniões ou preferências que concernem à moral privada, é conciliável com o respeito pela integridade físico-moral do outro. Jurandir o apresenta como uma espécie de exemplar bem sucedido do que seria o homem ocidental, radicalmente convertido ao exercício da livre recriação das linguagens formadoras das convicções éticas pessoais, sem relevância para a esfera pública.

A linguagem acaba condenando aos homossexuais, não só a eles, mas a comunidade homossexual é o foco deste capítulo, logo não tratarei dos outros problemas sócio-culturais enfrentados pela população “desviante”. O “homossexual” foi um vilão criado com o intuito de ser classificado a antinorma do ideal de masculinidade requerido pela cultura. Sempre que tal palavra é usada evoca-se uma crença preconceituosa. O preconceito é uma crença moralmente indesejável fundada na intolerância. Este é pratica de seres que recusam a algumas pessoas o direito se realizar afetivo-sexualmente por não possuírem o mesmo interesse predominante sexual que a maioria.

Na definição de Jurandir cultura significa inclusão e exclusão de certas possibilidades expressivas do sujeito e seu desejo. Uma cultura que tudo permitisse seria uma “cultura impossível”.

De acordo com Jurandir a castração, castração pela linguagem, pode receber várias traduções imaginarias, ou seja, várias formas de ensinar aos sujeitos como seguir regras morais. Seguindo essas regras estruturamos nossas subjetividades de acordo com os ideais de

eu ou subjetividades modelares pressupostas nas descrições do que “deve ser o sujeito” e que fazem parte de toda recomendação ética.

Segundo Jurandir Freire Costa a estabilidade da cultura – sem ela não existiriam regras - dá-se às custas de diferenças e oposições àquilo que não é idêntico. Só é possível que uma cultura reconheça sua identidade diferenciando-se de uma outra. Para que ela mantenha uma eficácia, seu ideal operante, é necessário que existam casos que contrariem um modo padronizado de ideal a ser seguido.

Os desviantes são representados por pessoas que não sabem, não podem ou não querem seguir as injunções ideais. Sendo a eles designado o desejo de destruição moral da maioria, que em nome da norma ideal se vê no direito de agredir física e moralmente os que dela se diferenciam.

De acordo com Jurandir Freire o termo homossexual está excessivamente ligado a um contexto médico-legal, psiquiátrico, higienista e sexológico de onde surgiu. O “homossexual” foi um vilão criado com o intuito de ser classificado a antinorma do ideal de masculinidade requerido pela cultura. Sempre que tal palavra é usada evoca-se uma crença preconceituosa. O preconceito é uma crença moralmente indesejável fundada na intolerância. Este é pratica de seres que recusam a algumas pessoas o direito se realizar afetivo-sexualmente por não possuírem o mesmo interesse predominante sexual que a maioria. Quando admitimos a diferença entre “homossexual” e “heterossexual”, que nos parece intuitiva e evidente por si mesma, ela já é uma crença que põe em relevo as características sexuais dos sujeitos. Nenhuma divisão entre pessoas é natural. Todas essas classificações exigem uma seleção de argumentos para certos interesses. O que leva as pessoas a crerem que é tão importante ou tão fundamental, para uma vida composta de ética e moral, a divisão dos seres entre “homossexuais e heterossexuais”?

.....
“(Teddy) – Eu gostaria de saber porque as pessoas pensam que é tão importante ser emocional. Minha mãe e meu pai acham que uma pessoa só é humana se pensa que uma porção de coisas são muito tristes, ou muito aborrecidas ou muito...injustas, sei lá. Meu pai se emociona até quando lê jornal. Ele acha que sou desumano.

(Nicholson) – Quer dizer que você não tem emoções?

(Teddy) – Se eu tenho eu não me lembro de tê-las usado em momento nenhum. Não vejo qual a utilidade delas.

(Nicholson) – Você ama a Deus, não ama?

(Teddy) – Sim, claro. Eu amo a Deus. Mas não o amo sentimentalmente. Ele nunca disse que alguém tinha que amá-lo sentimentalmente. Se eu fosse Deus não ia querer que as pessoas me amassem sentimentalmente. É incerto demais.

(Nicholson) – Você ama seus pais, não ama?

(Teddy) – Amo sim. Mas você quer que eu use essa palavra com o sentido que você quer que ela tenha, eu sei disso.

(Nicholson) – Está bem. Em que sentido você quer usá-la?

Teddy pensou um pouco e perguntou, virando o rosto para Nicholson:

(Teddy) – Você sabe o que significa a palavra “afinidade”?

(Nicholson) – Tenho uma ligeira idéia – Respondeu.

(Teddy) – Eu tenho uma afinidade muito forte por eles. São meus pais, e todos nós fazemos parte da harmonia uns dos outros, e porque eles gostam de ser felizes...Mas não é assim que eles amam a mim e a Booper, minha irmã. Acho que eles não são capazes de nos amar como nós somos. Parecem incapazes de nos amar a menos que consigam ficar mudando a gente um pouquinho. Eles amam os motivos que têm para nos amar tanto quanto amam a nós, e quase sempre mais. Assim não é tão bom.” (Salinger, 1969, p.172)

4 A CATEGORIA MASCULINIDADE E SUAS RELAÇÕES COM A SEXUALIDADE

Em seu livro “A sociedade contra o Estado”, no capítulo “O arco e o cesto”, Pierre Clastres (Antropólogo francês. Paris, 1934 – 1977) explica a vida tribal em moldes estruturalistas. O argumento visa mostrar que nas sociedades ditas “primitivas” existe uma superioridade nas relações sociais devido à ausência de instituições políticas mais complexas, como o Estado e, bastante relevante para o nosso estudo, que a perda do reconhecimento da masculinidade, na sociedade estudada, não é determinada pelos moldes da relação sexual, mas sim pela maestria do homem com suas ferramentas de caça.

Clastres descreve então, minuciosamente, o estilo de vida desta população, onde as mulheres coletam os alimentos com seus cestos e os homens caçam com seus arcos. Sendo estas atividades classificadas como femininas apenas, o ato da coleta com os cestos, e masculinas apenas, o ato da caça com o arco.

“Uma oposição muito clara organiza e domina a vida quotidiana dos guaiáqui: aquela dos homens e das mulheres cujas atividades respectivas, marcadas fortemente pela divisão sexual das tarefas, constituem nitidamente dois campos separados e, como aliás em todos os lugares, complementares. Mas, diferentemente da maioria das outras sociedades indígenas, os guaiáqui não conhecem formas de trabalho em que participem ao mesmo tempo homens e mulheres.”(CLASTRES,p.72)

Os guaiáqui apreendem essa grande oposição, por meio de proibições recíprocas: o homem não pode manipular o cesto e a mulher não pode tocar no arco. Os sentimentos experimentados por cada sexo em relação ao seu objeto são muito diferentes: o caçador não suportaria a idéia de transportar o cesto; já para a mulher, não é a vergonha que está em questão, mas sim o fato de que ela teme tocar o arco de seu marido. Tal atribuição se dá devido aos costumes culturais dos guaiáquis, onde o contato do homem com o cesto é menos grave do que o contato da mulher com o arco, já que ao toque desta sobre o arco, seria atraído para o seu proprietário o pané, ou seja, o azar na caça.

“Quando um homem é vítima da maldição do pané, sendo incapaz de preencher sua função de caçador, perde por isso mesmo sua própria natureza e a sua substância lhe escapa: obrigado a abandonar um arco doravante inútil, não lhe resta senão renunciar sua masculinidade, trágico e resignado, encarrega-se de um cesto.” (CLASTRES,p.75)

A pedagogia dos guaiáquis tem como base esta divisão de papéis. Logo aos quatro ou cinco anos de idade um menino guaiáqui recebe de seu pai um arco adaptado ao seu tamanho, com isso ele aprenderá desde cedo a aperfeiçoar seu modo de lançar uma flecha. Alguns anos

mais tarde lhe oferecem um arco muito maior e flechas eficazes, e sua caça mostra que ele será um caçador eficaz. Pierre Clastres expõe a iniciação de um rapaz que atinge os 15 anos neste capítulo: *seu lábio é perfurado, e ele passa a ter o direito de usar o ornamento labial, o beta, e é então considerado um verdadeiro caçador, um kybuchuété*. Com isso seu primeiro cuidado assim que integra a comunidade dos homens é confeccionar para si próprio um arco, passando a ser considerado então como um membro “produtor” do bando. Ele caçará com um arma feita por suas próprias mãos e **apenas** a morte ou a velhice o separarão de seu arco. O mesmo acontece com a mulher. Uma menina de nove ou dez anos recebe de sua mãe um cesto, que nada transportará, cuja confecção ela acompanha atentamente. Mesmo que não transporte nada em seu cesto, a menina passa então a marchar de acordo com as mulheres adultas, com a cabeça baixa e o pescoço estendido, preparando-se para seu futuro próximo. Pierre Clastres, assim como nos meninos, faz uma descrição da evolução das meninas: *o aparecimento, por volta dos 12 ou 13 anos, da primeira menstruação e o ritual que sanciona a chagada da sua feminilidade fazem da jovem virgem uma daré, uma mulher que será logo esposa de um caçador*. Sua primeira tarefa após atingir este novo estado é a fabricação de seu próprio cesto, definindo assim sua condição.

Para os guaiáqui se um indivíduo não consegue realizar-se como caçador, ele deixa ao mesmo tempo de ser um homem, passando do arco para o cesto, ou seja, metaforicamente ele se “torna uma mulher”.

Com efeito, a conjunção do homem e do arco não se pode romper sem transformar-se na sua inversa e complementar: aquela da mulher e do cesto.”(CLASTRES.p76)

Haviam entre os guaiáqui dois homens que carregavam cestos: um, Chachubutawachugi, era panema. Não possuía arco e a única caça que podia aventurar-se a realizar era aquela que pudesse ser feita com as mãos, sendo esta uma caça que está bem longe de apresentar a seus olhos a mesma dignidade que a realizada com o arco. Ele era viúvo, e como era panema, nenhuma mulher queria saber dele, mesmo que ele ocupasse o título de marido secundário. Ele não podia juntar-se a seus parentes, uma vez que fora julgado por estes uma indesejável presença. Sem mulher, por não ter um arco, não podia acompanhar os homens nas expedições de caça, acompanhando então as mulheres, carregando um cesto que lhe foi dado de presente por uma delas. Com o azar na caça e conseqüentemente sem acesso às mulheres, ele perdia, ao menos parcialmente, sua qualidade de homem e se achava assim rejeitado no campo simbólico do cesto.

O segundo índio era um pouco diferente de Chachubutawachugi, na realidade Krembégi era sodomita. Ele vivia com as mulheres e, à semelhança delas, mantinha em geral

os cabelos mais longos que o dos outros homens, e só executava trabalhos femininos. Ele sabia tecer e fabricava com os dentes de animais, que lhes eram oferecidos pelos caçadores, colares que mostravam um melhor desempenho artístico do que as mulheres. Ele era evidentemente proprietário de um cesto. Esse indivíduo inclinado homo-afetivamente vivia como uma mulher e havia adotado os comportamentos próprios deste sexo. Ele recusava o contato com o arco, como um caçador com o cesto, e ele considerava que seu lugar natural era no mundo das mulheres. Sua homo-afetividade se tornou socialmente reconhecida, quando tornara evidente a sua incapacidade em servir-se de um arco.

“Para os guaiáqui, Krembégi, era um kyrypy-meno (ânus-fazer amor) porque era panema”(CLASTRE .p.77)

A população da tribo dos guaiáqui tinha atitudes diferentes para com os índios citados anteriormente. Chachubutawachugi era objeto de caçoada: havia um desprezo nítido por parte dos homens, as mulheres riam dele, e as crianças demonstravam menos respeito por ele do que para com os outros adultos. Ao contrário deste, Krembégi não despertava nenhuma atenção em especial; consideravam-se evidentes e adquiridas a sua incapacidade como caçador e sua homo-afetividade. Certos caçadores faziam dele seu parceiro sexual e tal ato simbolizava uma maior liberdade do que perversão. Mas nunca ocorreu nenhum sentimento de desprezo para com Krembégi.

Com isso os dois guaiáqui mostravam-se desigualmente adaptados ao seu respectivo estatuto. Krembégi mostrava-se à vontade em sua condição, a de homem “tornado” mulher, enquanto Chachubutawachugi sentia-se freqüentemente descontente com a sua condição.

Ocupando uma posição inferior aos homens, pelo fato de serem *panema*, ambos deveriam aceitar tal fato e se munirem do cesto para a realização das tarefas, que todos da tribo deveriam realiza. Chachubutawachugi, obrigado a renunciar parcialmente às determinações masculinas, permanecera um homem, enquanto o outro, Krembégi, assumiu até às últimas conseqüências a condição de homem não-caçador, “tornando-se” uma mulher. Com isso Krembégi havia encontrado seu lugar, por meio de sua homo-afetividade, a qual destinava-se a incapacidade de ocupação do espaço dos homens; o outro recusou esta lógica, estava eliminado do círculo dos homens, e não integrado ao das mulheres.

“Krembégi havia encontrado o seu lugar. Chachubutawachugi, ao contrário, constituía por si mesmo uma espécie de escândalo lógico; não se situando em nenhum lugar nitidamente identificável, ele escapava do sistema e introduzia nele um fator de desordem: o anormal, sob certo ponto de vista, não era o outro, mas ele. (CLASTRES.p.77)

Pierre Clastres supõe que estes homens mantinham, ao nível de seus cestos, o mesmo conjunto de relações que tinham com sua organização sexual. De fato, Krembégi carregava o cesto com as mulheres, ou seja, com a tira do suporte sobre a testa. Quanto a Chachubutawachugi queria de qualquer forma mostrar-se masculino, ele carregava o cesto de modo diferente das mulheres e de Krembégi, ou seja, ele colocava a tira sobre o peito e nunca sobre a testa. Este para ele era o único meio de mostrar, que mesmo sem arco, ainda era homem.

5 ANÁLISE DA POÉTICA DE MARILYN MANSON

Um ícone da comunicação de massa, que se expressa através do meio artístico, Brian Hugh Warner, conhecido popularmente como Marilyn Manson, aborda a sexualidade em seus trabalhos, vendo esta como uma questão banal e que a sociedade confere muita importância a ela pelo fato de temê-la e pelo seu descontrole. A opção sexual é uma escolha pessoal, que não diz respeito aos outros, e é por este fato que a sociedade a teme, não tem como evitar uma escolha feita por cada indivíduo.

Brian Hugh Warner é um cantor norte-americano, cujo nome artístico, Marilyn Manson é a junção dos nomes de duas pessoas que se fizeram “estrelas”, Marilyn Monroe e Charles Manson. Marilyn Monroe era, e ainda é, considerada um símbolo sexual, e sua mistura de uma aparente vulnerabilidade e inocência, com sua inata sexualidade a tornaram querida no mundo inteiro. Marilyn faleceu no auge de seus 36 anos, a suposta causa da morte de Marilyn Monroe foi o suicídio. Porque uma mulher que era desejada por todos as pessoas no mundo, que estava no auge de sua carreira e tinha se tornado uma das maiores estrelas de Hollywood cometeu o suicídio? Talvez Marilyn Monroe quisesse deixar o mundo naquele exato momento, quando tinha conquistado tudo o que queria, e falecer totalmente linda como era, fazendo-se permanecer na mídia, seja por sua carreira profissional, seja por sua morte? O fato é que Marilyn Monroe se fez estrela e cobiçada. Ao contrário de Marilyn Monroe, Charles Manson se fez “estrela” de uma maneira diferente. Ele foi o fundador de uma seita conhecida como “A família Manson”, que promoveu vários assassinatos, inclusive ao de Sharon Tate – que estava grávida – mulher de Roman Polanski. Charles pretendia com isto iniciar uma guerra entre negros e brancos, já que de acordo com ele algum negro seria acusado, e como ele e sua família eram brancos se esconderiam enquanto a guerra acontecia. Charles Manson foi parar nas capas de revistas e jornais, após ter sido capturado. A escolha deste nome, de acordo com o próprio Marilyn Manson, servia para demonstrar que ele era o mais novo e último ícone maldito cultura norte-americana.

“As pessoas me consideram o ser mais perturbante e dualista que a cultura americana já pode ter.” (MANSON, Ídolos.p3)

Marilyn Manson se reinventa a cada disco seu, assume uma forma em cada um deles. Usufruído-se de maquiagens pesadas, coloridas, roupas que chamam a atenção, Marilyn Manson visa com isso ridicularizar aquilo que é vangloriado pela cultura ocidental. A questão da homo-afetividade, que é o principal foco deste trabalho, é constantemente abordada por

ele, Marilyn Manson faz uma crítica a uma sociedade que não age por si só, mas sim pelos conceitos que foram impostos a ela.

“Eu tento ser provocativo. Tento criar imagens e fazer as pessoas pensarem. E algumas pessoas vêm com essa de "chocar". O logotipo do Anti-Christ Superstar, por exemplo. Um raio. É o símbolo universal para o perigo de choque. O que realmente me choca é a estupidez das pessoas. Acho que um monte de gente tem medo de acreditar nelas próprias, porque crescem ouvindo dizer que se você não tem o carro certo, se não usa a pasta de dentes certa, você não vai ser aceito. Você sofre uma lavagem cerebral desde pequeno, por causa dos comerciais e da TV. É muito difícil pra alguém assumir o controle e dizer "Eu vou tomar minhas próprias decisões" com Beavis & Butthead e a MTV dizendo que tipo de música você deve gostar. Você não pode mais nem assistir TV e tomar suas próprias decisões. Daqui a pouco vão fazer um computador que vai compor músicas pra você, e tudo mais... É pra onde o mundo está caminhando - a neutralização da alma. Um monte de corpos sem alma dentro. A única coisa que a tecnologia não consegue criar é a alma. Foi daí que veio o Mechanical Animals.”(MANSON.1998)

Marilyn Manson critica qualquer forma de discriminação racial, social, sexual. Como já foi dito anteriormente, Manson defende a idéia de que as escolhas de cada um cabem somente a elas, e independentemente desta escolha, devemos aceitar tal indivíduo como igual a todo o resto da população, não excluindo e transformando-o numa nova “raça”.

No disco Mechanical Animals, citado anteriormente, Marilyn Manson transforma-se no Omega, assumindo uma característica muito mais próxima do feminino, Manson adquire nesta fase seios proeminentes. Omega no imaginário de Marilyn Manson é o resultado de uma experiência do governo para clones.

Com isso Marilyn Manson não propõe uma “guerra” contra a sociedade, mas também não adquire uma postura passiva em relação a ela, mas sim uma destruição dos valores que se construíram durante os anos, sendo tais que “tentam” impossibilitar as diversas formas de experimentações sexuais/afetivas, através da disseminação do preconceito contra os indivíduos que distam de tais valores. Após tal destruição, Marilyn Manson propõe uma reinvenção das concepções do que é certo e errado nas relações afetivo/sexuais das pessoas, ou seja, que sejam respeitadas todas as formas de amor que se expressem na sociedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homo-afetividade não é totalmente aceita pela sociedade, mas se constrói nela. As diferentes formas de se expressar o amor, causam medo na cultura.

Neste trabalho procurei mostrar algumas situações da homo-afetividade, mostrando que ela não é algo estático, mas que se move ao longo do tempo. Mostrei que houve uma época em que tais relações eram vistas como um meio de alcançar a masculinidade, mostrei também uma outra situação (a sociedade não ocidentalizada dos guaiáquis) em que a perda da masculinidade não estava associada às relações sexuais, mas sim as ferramentas de trabalho e uma situação contemporânea em que a homo-afetividade torna-se o tema de um ícone de massa.

Há, contemporaneamente, uma maior aceitação, mesmo que seja parcial, dos indivíduos que se sentem atraídos homo-afetivamente, onde estes não são mais constantemente agredidos. Constatamos que se por um lado as formas de preconceito se tornaram mais sutis, por outro há uma maior integração desta população no meio social, que antes não a aceitava –haja vista que os jornais em suas colunas de cultura misturam os programas denominados “gays” com os programas infantis.

Pode-se considerar que Marilyn Manson, através da análise feita neste trabalho, não visa apenas chocar a população, mas propõe uma reinvenção desta de modo que todos possam se sentir livres para se satisfazerem homo-afetivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, Jurandir Freire. A Inocência e o Vício: estudos sobre o homoerotismo. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Relume Dumará, 2002.

SENNETT, Richard. Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 2ª edição. São Paulo: Editora Record, 2001.

CLASTRES, Pierre. A sociedade contra o estado. 4ª edição. Rio de Janeiro: Editora Francisco Alves, 1988.

VRISSIMTZIS, Nikos. Amor, sexo e casamento na Grécia Antiga. São Paulo: Editora Odysseus, 2002.

WIKIPÉDIA. Charles Manson. http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Manson.
Acessado em: 14/08/2007

WIKIPÉDIA. Marilyn Monroe. http://pt.wikipedia.org/wiki/Marilyn_Monroe.
Acessado em: 14/08/2007

WIKIPÉDIA. Konstantínos Kavafís. http://pt.wikipedia.org/wiki/Konstant%C3%ADnos_Kavaf%C3%AFis
Acessado em: 12/12/2007

WIKIPÉDIA. Pierre Clastres.
http://pt.wikipedia.org/wiki/Pierre_Clastres
Acessado em: 12/12/2007

Marilyn Manson. Entrevista publicada na revista brasileira Ídolos em 24 de março de 2003.

O dândi do mundo inferior. entrevista publicada na revista gay inglesa ATTITUDE, em dezembro de 1998.

ANEXOS

ANEXO A- A transição de Marilyn Manson, o Antichrist Super Star para o Omega.





